



Centro Universitário de Brasília
Faculdade de Ciências da Saúde e Educação (FACES)
Curso de Psicologia

As experiências afetivas de mães diante do processo de *coming out* de filhas lésbicas

Lílian Tatiane de Macedo Lima

Brasília, DF

Junho de 2023



Centro Universitário de Brasília
Faculdade de Ciências da Saúde e Educação (FACES)
Curso de Psicologia

As experiências afetivas de mães diante do processo de *coming out* de filhas lésbicas

Monografia apresentada à Faculdade de
Ciências da Educação e Saúde (FACES), do
Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

Professora-Orientadora: Ma. Izabella
Rodrigues Melo.

Brasília, DF

Junho de 2023



Centro Universitário de Brasília
Faculdade de Ciências da Saúde e Educação (FACES)
Curso de Psicologia

Folha de Avaliação

Autora: Lílian Tatiane de Macedo Lima

Título: As experiências afetivas de mães diante do processo de *coming out* de filhas lésbicas

Banca Examinadora:

Orientadora: Prof.^a Ma. Izabella Rodrigues Melo

Prof.^a Dra. Daniela Borges Lima de Souza

Prof.^a Ma. Greice Cerqueira Nunes

Brasília, DF

2023

Sumário

Introdução	1
Objetivos	6
Objetivo Geral	6
Objetivos Específicos	6
Fundamentação Teórica	7
Método	12
Metodologia de Investigação	12
Participantes e local	13
Instrumentos	14
Análise de dados	15
Resultados e Discussão	17
Vivência do Amor Incondicional	24
Preocupação presente no processo de <i>coming out</i>	25
Reação de surpresa	29
Experiência relacional entre mãe e filha	30
A existência de apoio psicoterápico	32
Considerações finais	33
Referências Bibliográficas	35
Anexo I	41
Apêndice I	46
Apêndice II	47

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Caracterização dos Participantes	17
Tabela 2 – Categorias	22

Resumo

Este trabalho aborda como as famílias, sob a perspectiva das mães, vivenciaram o processo de *coming out* das suas filhas lésbicas. Nesse sentido, tem como principal objetivo descrever as experiências afetivas das mães diante do processo de *coming out* das suas filhas e investigar os desdobramentos do *coming out* nos sistemas e subsistemas familiares das participantes da pesquisa. A amostra estudada é de seis mães residentes no Distrito Federal e a seleção das participantes ocorreu por meio de divulgação em grupos de WhatsApp. Para este estudo foi realizada pesquisa qualitativa de campo, mediante aplicação de entrevista semiestruturada, e os dados coletados foram analisados com base na análise de conteúdo de Bardin.

Palavras-chave: Família. Diversidade. Homossexualidade. *Coming Out*.

Introdução

A origem da homossexualidade é tão remota quanto o início da humanidade, existindo ao longo da história e em todas as culturas. Entretanto o que se observou ao longo dos tempos foram maneiras diversas da sociedade considerar a homossexualidade (Frazão, 2008).

A homossexualidade é compreendida como uma variação da orientação sexual existente na humanidade. Com relação ao desenvolvimento da orientação sexual de uma pessoa, não há uma resposta conclusiva, mas a suposição é que seja um combinado de fatores biológicos, ambientais e sociais (Leite & Catelan, 2020).

Os estudos teóricos, no passado recente, abordaram esse tema de forma discriminatória patologizante. Prova disso é que, somente entre os anos de 1973 e 1975, a homossexualidade deixou de ser considerada doença mental pela *American Psychiatric Association* e pela *American Psychological Association* (Frazão, 2008). Em meados da década de 1980, na terceira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), a homossexualidade foi retirada da categoria das parafilias, e em 1993, na nova versão da Classificação Internacional de Doenças - CID-10, a homossexualidade saiu da lista de doenças (Frazão, 2008).

No Brasil, somente em 22 de março de 1999, com a publicação da Resolução do CFP nº 01/99 — que estabelece normas de atuação para os(as) psicólogos(as) em relação à orientação sexual—, a homossexualidade deixou de ser considerada doença, distúrbio e perversão. Esse documento foi um marco nacional à defesa dos direitos e à superação de preconceitos e discriminações (Resolução nº 01/99, de 22 de março de 1999 do Conselho Federal de Psicologia, 1999).

Portanto, atualmente, não cabe buscar as causas da homossexualidade, por intermédio da dicotomia entre heterossexual e homossexual, devido à diversidade da sexualidade

humana (Frazão, 2008). O que se deve buscar é a compreensão da homossexualidade como a diversidade da sexualidade (Frazão, 2008).

Importante mencionar a diferenciação entre os termos homossexualidade e homoafetividade. O primeiro refere-se à atração física e emocional por uma pessoa do mesmo sexo, enquanto o segundo termo corresponde aos relacionamentos entre pessoas homossexuais, que envolvem aspectos afetivos, sentimentais e sociais (Miguel *et al.*, 2017). O termo homoafetividade foi cunhado para atenuar as representações preconceituosas à homossexualidade e viabilizar a aceitabilidade e respeitabilidade social, apartando-a da sexualidade e aproximando-a do afeto (Garcia, 2021).

O preconceito é um fenômeno do complexo sistema cultural individual e social que resulta da avaliação sobre as pessoas, a partir de estereótipos aprendidos ao longo da vida e com base nas características sociais do grupo ao qual a pessoa pertence, gerando barreiras sociais e exposições às situações de vulnerabilidade (Leite & Catelan, 2020). Aqueles que não se enquadram no padrão social de heterossexualidade são tratados como minoria e sofrem perseguições, violências, manifestações discriminatórias e episódios de humilhações (Lawrenz, 2017).

A expressão homofobia, criada em 1972, é formada por dois radicais: *homo* (igual) e *fobia* (medo), que remetem à rejeição ou à aversão a pessoa homossexual e/ou à homossexualidade, ocasionando o preconceito e a discriminação contra pessoas homossexuais ou quaisquer representantes dos segmentos da diversidade (Rodrigues, 2006). A homofobia, o medo irracional e ódio do comportamento homossexual, e o heterossexismo, que descreve a suposição cultural dominante de que a heterossexualidade é a orientação sexual preferida, são as forças que moldam a vida dos casais do mesmo sexo (Okun, 1996, citado em Harway, 2004). Assim, esses casais vivem em constante vigilância para o

preconceito e para a discriminação, dada a ameaça real de violência, o que os faz disfarçar, minimizar ou negar os seus relacionamentos em ambientes hostis (Harway, 2004).

O processo de formação da identidade homossexual inicia-se na adolescência, sendo cada vez mais precoce, e estudos comprovam a equalização entre gays e lésbicas em termos de idade (Frazão, 2008). Após o momento da identificação, ocorre o processo da revelação da orientação sexual, conhecido como *coming out*, que vem da expressão *coming out of the closet*, que, traduzida para o português, corresponde a “sair do armário”. Ou seja, é o momento em que o(a) homossexual assume a sua identidade sexual (Frazão, 2008).

Importante destacar que a homofobia ostensiva, a ocultação da orientação sexual e a homofobia internalizada são fatores de estresse para as pessoas homossexuais (Meyer, 2003). Tais experiências afetam a vida dos casais homoafetivos, que têm diminuídas a satisfação conjugal e a intimidade, além de atingir o bem-estar e a saúde mental dessas minorias sexuais (Henderson *et al.*, 2009).

Diante do preconceito social enfrentado pelas pessoas homossexuais, a família tem sido identificada como a rede de apoio para o processo de revelação da orientação sexual (Bussolo & Costa, 2022). Tal processo desencadeia sentimentos de liberdade e de honestidade, tanto para o sujeito quanto para as relações interpessoais desenvolvidas, em especial com a família (La Sala, 2000).

Estudos acerca da revelação da identidade sexual aos familiares demonstram que esse processo se inicia com os irmãos, é seguido com as mães e, por último, com os pais (Frazão, 2008). Esse momento da revelação da homossexualidade dos filhos costuma gerar crises familiares, equiparadas ao modelo dos estágios do luto de Kubler-Ross (1969), que são: de negação; raiva; culpa; aceitação; e esperança (Frazão, 2008).

A depender da manifestação dos familiares em relação à revelação sexual de seus entes, as pessoas homossexuais podem ter atitudes positivas, como o aumento da autoestima e a segurança de ter o apoio da família nos momentos de violência, quando a atitude for de acolhimento, assim como, caso haja rejeição pelos familiares, isso pode ser um obstáculo e contribuir para o desenvolvimento de transtornos (Bussolo & Costa, 2022). Logo, de maneira geral, as pessoas homossexuais sofrem com um elevado nível de estresse como resposta de defesa a determinadas situações discriminatórias (Leite & Catelan, 2020).

Um estudo empírico que investigou a relação entre o apoio familiar e a saúde mental das pessoas homossexuais, realizado com 414 pessoas que se identificaram como lésbicas e gays, demonstrou que as manifestações positivas de familiares à orientação sexual de seus filhos protegem seus entes de seus sentimentos negativos, sendo apoio contra depressão, abuso de substâncias e ideação suicida. Dados de outra pesquisa, realizada com 232 jovens LGBT, demonstram, ainda, que na presença do apoio familiar os transtornos psicológicos foram minimizados (Leite & Catelan, 2020).

Segundo Oliveira (2019), a existência de constrangimentos externos no processo de visibilização da orientação sexual incomoda as pessoas homossexuais, pois elas entendem que sua vida afetiva e relacionamentos poderiam desfrutar dos mesmos privilégios de publicização franqueada aos casais heterossexuais. Assim, a permanência ou a saída do armário corresponde a um dispositivo emocional de gestão da informação sobre si e da sua constituição em situações de interação social (Oliveira, 2019).

Em relação ao lugar da maternidade, Silva (2018) pondera que, para a mulher, a maternidade é considerada como um instinto natural a ocorrer em algum momento de sua vida, em que o movimento feminista denomina de “maternidade compulsória”. Os debates que envolvem a maternidade trazem a interpretação a partir da hierarquia do poder nos processos de dominação e subordinação na relação entre os sexos (Meyer, 2005).

Assim, com base no aporte teórico e conceitual da Teoria Sistêmica, a presente pesquisa investigou a experiência de mães do Distrito Federal no processo de *coming out* de suas filhas lésbicas. A família pode ser considerada como um sistema total, em que as ações e comportamentos de um de seus membros influenciam e simultaneamente são influenciados pelos comportamentos de todos os outros. Constatou-se que quando os pais tomam conhecimento da homossexualidade de seus filhos, ocorre uma confusão de sentimentos (Rodrigues, 2006).

O subsistema mãe-filha apresenta um emaranhamento de fronteiras, sendo salutar que consigam diferenciar-se uma da outra. O que favorece esse subsistema, de forma particular, poderá estar relacionada à identificação de gênero entre mães e filhas. Ou seja, às vezes mãe e filha são tão próximas que têm pouca autonomia e têm um excesso de preocupações com a outra, o que não favorece o bem-estar de ambas (Leite & Catelan, 2020).

Objetivos

Objetivo Geral

Compreender as experiências afetivas de mães diante do processo de *coming out* de filhas lésbicas do Distrito Federal.

Objetivos Específicos

1. Investigar os desdobramentos do *coming out* nos sistemas e subsistemas familiares das participantes da pesquisa; e
2. Descrever o processo do *coming out* na família, pela perspectiva da mãe.

Fundamentação Teórica

A família é a base das primeiras experiências para o desenvolvimento humano, pois é onde ocorre o primeiro sentimento de pertencimento a um grupo, em que há uma história e um futuro compartilhados, abrangendo todo o sistema de relacionamentos de várias gerações existentes por ligações sanguíneas, legais, emocionais e/ou históricas (Carter & McGoldrick, 2015). Como um sistema que se altera ao longo do tempo, as famílias são diferentes de todos os demais sistemas porque agregam novos membros somente com o nascimento, adoção, compromisso ou casamento, e os membros desse sistema só podem sair dele por meio da morte, se for o caso (Carter & McGoldrick, 2015).

A depender da relação existente no âmbito familiar, o processo de *coming out* de pessoas homossexuais pode se mostrar como uma ocasião de se firmar a rede de apoio desse sujeito, sendo a família o alicerce para a revelação da sua identidade sexual perante si e a sociedade (Nascimento, 2018). A família, pelo vínculo de afeto e pela relação de intimidade e amor, tem a capacidade de contribuir para o acolhimento de seu membro homossexual, minimizando efeitos das práticas evidentes da homofobia (Leite *et al.*, 2019).

Entretanto, nem todos conseguem vivenciar essa situação, afinal muitos passam por um processo conflituoso em que seus genitores demonstram relutância e até repreensão pelos seus comportamentos desde a infância (Hammes, 2014). É muito provável que a relação íntima entre mães e filhos(as) implique um esforço pessoal das genitoras, de forma a adequar suas crenças à promoção do acolhimento e à compreensão das individualidades de seus(suas) filhos(as) (Leite *et al.*, 2019).

Souza e Silva (2018) dizem que existem duas experiências comumente compartilhadas entre as pessoas homossexuais: a de assumir-se, ou seja, a de revelar e não esconder a sua orientação sexual; e a de, em algum momento, ter sido inferiorizado(a) por parte da família em razão de sua orientação. Em suas famílias, muitas pessoas homossexuais

enfrentam o silenciamento e a invisibilidade de suas práticas homoeróticas, com o não reconhecimento de suas relações afetivas.

O contexto familiar, ou seja, o apoio familiar ou a ausência desse apoio, influencia na convivência dos parceiros de mesmo sexo, afetando o relacionamento, fortalecendo-o ou fragilizando-o. Em razão da inexistência de modelos culturais, rituais ou de normativas para exemplificar a integração de casais de pessoas homossexuais junto à família, esses casais estabelecem seus próprios rituais, a fim de fortalecer e validar a percepção e o sentimento de pertencimento à família (Rostosky *et al.*, 2004).

Muitos casais de pessoas homossexuais não encontram o apoio social nas famílias de origem, e, por isso, se sentem envergonhadas, tristes, confusas e desapontadas. Para preencher essa lacuna, esses casais criam novas famílias formadas pela rede de amigos, por outros casais do mesmo sexo e até mesmo pelos seus antigos parceiros (Green & Mitchell, 2002, citado em Harway, 2004).

La Sala (2000) entende que o processo de integração da identidade sexual dos descendentes pelos genitores é alcançado pela aceitação da homossexualidade com a partilha dessa informação junto aos demais membros do núcleo familiar, assim como pela própria inclusão dos(as) parceiros(as) dos(as) filhos(as) no cotidiano e nos rituais familiares. Entretanto, segundo La Sala (2000), em alguns casos o processo de integração da identidade sexual dos(as) filhos(as), por parte da família, poderá nunca ocorrer efetivamente.

Para Afonso (2015), a revelação da orientação sexual aos familiares pode ocorrer de três formas: voluntária, quando ocorre por decisão da pessoa homossexual; involuntária, quando não há a decisão da pessoa na revelação; e acidentalmente ou por outras pessoas. Afonso (2015) destaca que, embora possa haver o apoio dos pais à homossexualidade dos(as)

filhos(as), muitos pais escolhem a ocultação da informação aos demais familiares e amigos(as), levando a ocorrências de exclusões parciais ou totais.

Cabe ressaltar que a família, ao resistir em aceitar a sexualidade dos(as) filhos(as), abre espaço para o preconceito, para o estigma e para a discriminação (Santos, 2007). No momento que o indivíduo revela sua sexualidade, os pais buscam métodos para resistir a essa mudança, que veem como prejudicial para a família (Alves & Moniz, 2015, citado em Santiago *et al.*, 2021).

Segundo a pesquisa de Feinstein *et al.* (2014), o apoio da família aos(as) filhos(as) homoafetivos(as) pode contribuir na autoestima, na saúde mental e física e, com isso, vir a prevenir fatores de risco para a saúde mental, como o consumo abusivo de álcool e de outras drogas e o desenvolvimento de quadro depressivo, além da ideação suicida. Ademais, destaca-se que, quando há o apoio na família, nos(as) amigos(as), na religião e com o apoio psicológico, as pessoas homossexuais e seus familiares podem lidar de forma saudável com a dinâmica familiar e com as suas relações (Etengoff & Daiute, 2014).

Sistemas são estruturas organizadas e hierárquicas, que devem ser vistas em sua totalidade: desde a visão macro, como a ordem social; seguida por níveis intermediários, como as culturas das comunidades locais; até atingir o nível mais proximal (ou de microanálise), como as escolas e a família (Sifuentes *et al.*, 2007). A família, como um sistema, se diferencia dos demais sistemas pela sua movimentação ao longo do tempo, em que novos membros são agregados somente por nascimento, adoção, compromisso ou casamento. A saída do grupo familiar também ocorre de modo mais estável, sujeitando-se, por exemplo, à ocorrência de morte, situação que não se verifica em nenhum outro sistema (Carter & McGoldrick, 2015).

Na perspectiva sistêmica, a família é vista como um complexo sistema formado por subsistemas que estão em permanente e frequente atualização ao longo do tempo, e o seu funcionamento ocorre como um todo e a partir das particularidades dos seus membros que se influenciam mutuamente (Gomes *et al.*, 2014). Para as ciências humanas e sociais, esse enfoque também possibilitou a mudança na visão da família, cujo foco, como um sistema, está nas inter-relações e interdependências entre seus membros, ampliando o trabalho terapêutico do indivíduo para as suas relações (Gomes *et al.*, 2014).

Além da influência cibernética, da Teoria da Comunicação Humana e das contribuições do construtivismo, o construcionismo social também contribuiu para a terapia familiar sistêmica, ao conceber o processo dialógico para a criação conjunta de significados (Ravagnani *et al.*, 2017). O pensar sistemicamente transcende a atuação do psicólogo, pois amplia a visão, possibilitando a reflexão e o diálogo em torno dos problemas sociais e comunitários de forma abrangente e no seu contexto (Moré & Macedo, 2006).

Os processos de desenvolver a identidade sexual e de compartilhar com familiares e amigos não são lineares, mas graduais e contínuos, ao longo de anos (Rosati *et al.*, 2020). Tomando como base os modelos do percurso da homossexualidade masculina, verifica-se maior fluidez sexual entre as lésbicas e um desenvolvimento da identidade homossexual menos linear. Ou seja, a formação pode ocorrer em uma fase da vida da mulher e, por possuírem maior plasticidade nessa mudança de identidade, oscilam facilmente entre as identidades heterossexual, bissexual ou lésbica (D'Augelli, 2001 citado em Frazão, 2008).

A revelação da homossexualidade traz impactos emocionais tanto na vida daquele(a) que está vivenciando essa identificação quanto na dos familiares e das pessoas próximas, sendo que a revelação tende a ocorrer primeiramente aos irmãos e somente depois aos pais, o que caracteriza a destacada participação dos irmãos no processo de *Coming Out* no contexto familiar (Rosati *et al.*, 2020). Alguns estudos demonstram altas taxas de rejeição dos pais no

momento do *coming out*, o que, por conseguinte, gera crise na família. As famílias que reagem mal no início, apresentando rejeição emocional, usam de violências verbais e físicas, além do desamparo (Frazão, 2008).

Nesse contexto, os amigos podem ser o apoio em todas as fases do ciclo da vida, ou seja, desde a primeira infância, na adolescência e até na idade adulta, mitigando as disfunções familiares e propiciando encorajamento, socialização e inspiração para o desenvolvimento individual. Na vida adulta, os amigos podem abrandar o estresse, dizer as verdades e estimular mudanças que, de fato, o manterão saudável (Carter & McGoldrick, 2015).

O modelo síntese do *Coming Out*, existente desde 1970, identificou três etapas comuns aos outros modelos de *Coming Out*, sendo elas: Sensibilização, Tolerância e Integração (Pachankis & Goldfried, 2004). A etapa da Sensibilização caracteriza-se pela sensação de diferença e marginalização em relação aos pares do mesmo sexo; na da Tolerância pode não haver a revelação, permanecendo-se em uma vida dupla, ou seja, a pessoa mantém a identidade heterossexual perante a família e amigos e, ao mesmo tempo, participa de comunidades de pessoas homossexuais para preencher necessidades sexuais, emocionais e sociais; na da Integração ocorre a identificação homossexual na visão geral de si (Pachankis & Goldfried, 2004).

Método

Metodologia de Investigação

O presente estudo utilizou-se da metodologia qualitativa em pesquisa. Uma pesquisa qualitativa é baseada na compreensão e no aprofundamento das dimensões e das motivações dos sentimentos relatados na experiência dos envolvidos. Busca-se descobrir o que os sujeitos da pesquisa pensam, desvendando e desenvolvendo novas narrativas, a partir da reapresentação da experiência que poderá ensejar novos sentidos à vida de uma pessoa (Anderson & Goolishian, 1998).

A pesquisa qualitativa responde a aspectos muito particulares, que não podem ser quantificados e que permitem trabalhar com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Dessa forma, trata-se de um método capaz de alcançar um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2014).

O método qualitativo abre margem para as variáveis que vão surgindo no decorrer da investigação e pode ser definido como a aplicação do estudo das crenças, percepções e opiniões frutos das experiências e visões que a pessoa tem de si, de seus sentimentos e pensamentos e que viabiliza uma melhor compreensão da experiência evidenciada e compartilhada pela pessoa. Essa abertura ultrapassa as imposições da sociedade, dos envolvimento morais e da aceitação social (Minayo, 2014).

Ao se debruçar sobre a entrevista como técnica de comunicação verbal e de coleta de informações, verifica-se que essa é a estratégia mais utilizada no trabalho de campo. Trata-se de uma conversa entre participante(s) e pesquisador, com o objetivo de coletar dados para o objeto da pesquisa (Minayo, 2014). Na entrevista semiestruturada ocorrem processos muito

importantes de histórias, experiências e/ou fatos que exprimem e ajudam, além de abrirem possibilidades que vão muito além daquelas esperadas (Martins & Bicudo, 1994).

Participantes e local

Para esta pesquisa, foram entrevistadas seis mães de filhas lésbicas, que realizaram o processo de *coming out* para a família e que são residentes no Distrito Federal. A seleção das entrevistadas foi feita a partir da divulgação da pesquisa em grupos de *WhatsApp* da faculdade, solicitando a indicação de participantes. Antes da realização de cada entrevista, foi disponibilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) — apresentado no Anexo I deste trabalho — para as participantes, que foi assinado preliminarmente pelas partes. As entrevistas tiveram a duração média de 20 minutos e ocorreram de forma remota, por meio de chamada de vídeo realizada pelo aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas *WhatsApp*, por escolha das participantes, que concordaram com a gravação do áudio. Além disso, foi garantido o sigilo das participantes e proporcionada flexibilidade de horário e de local, ambos escolhidos pelas entrevistadas. A participação foi voluntária e seguiu os pré-requisitos para a realização de pesquisa com seres humanos, estabelecidos na Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Também foi assegurado que as participantes pudessem desistir a qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo.

Assim, o presente estudo foi construído a partir das seis entrevistas realizadas com as participantes: Judite, Marlene, Adriana, Marta, Lúcia e Karina. Os nomes aqui apresentados e mencionados ao longo do estudo são nomes fictícios, escolhidos aleatoriamente pela pesquisadora, de modo a preservar a identidade das entrevistadas e de suas filhas.

Além das mães que aceitaram participar da pesquisa, outras foram convidadas a participar e recusaram, como será exposto a seguir.

Uma mãe foi contatada após sua filha lésbica ter informado o contato para a pesquisadora e dito que a sua mãe contribuiria com a entrevista. No entanto, após o contato efetuado diretamente no *WhatsApp* da genitora, essa somente visualizou a mensagem, sem respondê-la.

Outra mãe, também indicada a participar do estudo por sua filha lésbica, a partir do contato de um conhecido da pesquisadora, não concedeu a entrevista. Sua filha, posteriormente, enviou a seguinte mensagem via *WhatsApp*: “Minha mãe com certeza toparia mas ela tá numa fase complicada da depressão e não sei se conseguiria. Ela tá tirando algumas licenças do trabalho, se adaptando a remédios novos...”. Portanto, essa afirmação pode evidenciar que a mãe não chegou a saber sobre o estudo.

Outra questão constatada nas tentativas de realizar as entrevistas com as mães foi as recorrentes remarcações dos encontros previamente agendados pelas partes. Também se constatou que só foi possível o acesso a mães nas quais a família tenha realizado o *coming out* e se encontravam dispostas a fazer parte do estudo sobre a revelação da homossexualidade de suas filhas lésbicas, referindo-se às filhas de forma carinhosa e elogiosa.

Instrumentos

Foi utilizada uma entrevista semiestruturada — apresentada no Apêndice I — como instrumento para a coleta de dados, a partir de um roteiro com perguntas cuidadosamente planejadas e relacionadas ao presente estudo, que foi realizada com as mães de filhas lésbicas.

Em linhas gerais, coletou-se as informações e as experiências, sob a perspectiva das mães, referentes ao processo de revelação da orientação afetivo-sexual de suas filhas lésbicas

de modo a investigar os desdobramentos da revelação na dinâmica familiar. As entrevistas foram realizadas no mês de maio de 2023 e, além das perguntas relacionadas aos objetivos da pesquisa, contiveram questões relativas aos dados sociodemográficos das participantes, visando obter a caracterização das entrevistadas.

As entrevistas foram gravadas com um aplicativo gravador de áudio disponível no *notebook* utilizado para a realização das entrevistas e, posteriormente, foram transcritas para subsidiar o tratamento e a avaliação dos dados coletados, com base no método de Análise de Conteúdo (Bardin, 2011). Os dados obtidos na comunicação foram sistematizados a partir da compreensão e da descrição dos conteúdos presentes nas mensagens trocadas entre os interlocutores e em quaisquer manifestações transmitidas que possibilitem conhecer e compreender a informação em sua particularidade, por meio da construção dos seus significados (Salvatierra, 2020).

Por ser uma pesquisa com a participação de seres humanos, em observância às diretrizes éticas da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e às disposições complementares, o projeto de pesquisa foi submetido, sob o registro de nº CAAE 67724823.5.0000.0023, à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), tendo sido aprovada pelo Parecer nº 5.975.571. Portanto, este estudo seguiu os princípios éticos preconizados para as pesquisas com seres humanos.

Análise de dados

A análise foi feita por meio da Análise de Conteúdo de Bardin (2011). A técnica da análise dos dados qualitativos da pesquisa, segundo a autora, deve ocorrer em três etapas: (i) a pré-análise, relativa à organização do material obtido nas entrevistas; (ii) a exploração do

material que abrange a codificação e a categorização dos dados coletados; e (iii) o tratamento dos resultados, mediante a interpretação feita por inferências.

Portanto, a primeira etapa, de pré-análise, também compreendida como a da organização do material, corresponde à fase de estabelecer o esquema de trabalho com precisão e com procedimentos bem definidos, apesar de flexíveis. Segundo Bardin (2011), essa etapa envolve a leitura “flutuante”, com o primeiro contato com os dados e as suas escolhas e com a formulação das hipóteses e objetivos, para fins de elaboração dos indicadores que orientarão a interpretação e a preparação formal do material (Câmara, 2013).

Na segunda etapa, a da exploração do material, são escolhidas as unidades de codificação e categorização, a partir das unidades de análise, sendo que, no caso das entrevistas, a reunião das suas transcrições corresponderá ao *corpus* da pesquisa. O pesquisador busca encontrar as categorias sínteses, ou seja, as palavras ou expressões significativas em função do conteúdo da fala a ser organizado (Câmara, 2013).

Na terceira etapa do processo de análise do conteúdo ocorre a categorização, fase em que as categorias são criadas a partir da leitura flutuante e por critérios de classificação (Salvatierra, 2021). As categorias a serem utilizadas como unidades de análise são tratadas, por operações estatísticas, para adquirirem significados e dados válidos, realizando-se as inferências e interpretações teóricas (Minayo, 2014).

Resultados e Discussão

A análise dos dados gerados pelas seis entrevistas semiestruturadas realizadas com as mães de filhas lésbicas, após as transcrições, ocorreu com base na análise temática de conteúdo de Bardin (2011), conforme já mencionado no Método. Foi realizada uma primeira leitura flutuante e, nas demais releituras, buscou-se extrair os temas comuns presentes nas várias entrevistas, sistematizando-os de acordo com os objetivos específicos da presente pesquisa, que são: a) investigar os desdobramentos do *coming out* nos sistemas e subsistemas familiares das participantes da pesquisa; e b) descrever o processo do *coming out* na família, pela perspectiva da mãe.

Tal procedimento ocorreu de maneira sistemática, em cada entrevista, produzindo categorias em função das unidades de registro coletadas a partir dos sentidos trazidos pelas participantes. Em um segundo momento, utilizando a totalidade das falas das entrevistadas, os dados foram agrupados por temas e subtemas relacionados entre si, com o intuito de identificar semelhanças e diferenças nos relatos e de subsidiar a discussão dos temas que se repetem com maior frequência.

Utilizou-se nomes fictícios para se referir a cada uma das participantes do estudo, que também foram identificadas, nos momentos das menções das falas, pela letra “P” maiúscula seguida do numeral de 1 a 6, conforme a ordem da realização das entrevistas, demonstrada na Tabela 1. As idades das entrevistadas variaram de 49 anos a 74 anos, e o nível de escolaridade delas ficou distribuído em: 1 com ensino médio, 3 com ensino superior, 1 com especialização e 1 com mestrado, como comprova a Tabela 1, que também apresenta as informações relativas à religião e à renda salarial declaradas pelas respondentes.

Tabela 1

Caracterização das participantes por nome fictício, idade, escolaridade, religião e faixa salarial (Como declarado) (N=6)

N	Nome Fictício	Idade	Escolaridade	Religião	Renda (por faixa)
1	Judite	52	Ensino médio	Não tem	I
2	Marlene	60	Mestre	Católica/Espírita	III
3	Adriana	51	Superior	Umbandista	I
4	Marta	56	Superior	“ <i>Eu e Deus</i> ”	I
5	Lúcia	74	Especialização	Não tem	II
6	Karina	49	Superior	Católica	III

A participante nº 1, Judite, de 52 anos, possui o ensino médio e declarou que não tem religião. Sua renda individual mensal encontra-se na primeira faixa salarial. A inclusão de Judite na amostra do estudo decorreu do contato da pesquisadora com a sua filha lésbica, após a indicação de uma colega da faculdade.

Ao ser perguntada sobre o processo de revelação sexual da sua filha, Judite relatou que sua filha, Manuela, voluntariamente revelou a homossexualidade em uma conversa com os pais, quando tinha 15 anos de idade, e que sua filha havia inicialmente falado com o irmão mais velho. Cabe destacar que Afonso (2015) demonstrou em seu estudo que há uma preferência para a revelação à família de origem (pais, mães e/ou irmãos), em detrimento da família alargada (avô, avó, tios, primos e outros), e da revelação acontecer com uma conversa presencial.

Ao falar sobre a estratégia utilizada para a revelação à família, Judite informou que conversou somente com a avó materna e com as tias de Manuela, que não tiveram nenhuma reação de não acolhimento. Sobre isso, cabe apontar que a comunicação seletiva pode

estabelecer um limite não intencional entre os familiares, que tendem à exclusão parcial ou total de parte dos membros da família (Afonso, 2015).

Já a participante nº 2, Marlene, de 60 anos, tem mestrado, declarou a sua religião como sendo católica e espírita e a sua renda encontra-se na terceira faixa. A participação de Marlene neste estudo ocorreu por intermédio de contato direto da pesquisadora, que tinha ciência de que a filha lésbica havia realizado o processo de *coming out* para a família.

Marlene descreveu que soube por outras pessoas, apesar de já perceber indícios em algumas formas de agir da filha. Ao perguntar para a Gabriela e ela “confessar” a homossexualidade aos 16 anos, Marlene assustou-se pela idade da filha, pelo mundo e pelas dificuldades que enfrentariam, e teve sentimentos de receio e medo. Marlene também comentou que o relacionamento entre elas ficou um pouco frio e distante no começo da revelação, como se não soubessem como conversar sobre isso, além de ter tido uma reação “meio tosca”, ao pensar no desfazimento dos planos futuros que tinha para a filha, como casar e ter filhos. O pai, o irmão de Gabriela e alguns membros mais próximos de ambas as famílias, como tios e avós, foram informados pela mãe, mas esses tiveram uma imediata aceitação, diferentemente dela que sofreu um pouco sozinha e precisou, inclusive, de um tempo de quase 3 anos da descoberta para contar aos avós de Gabriela.

A participante nº 3, Adriana, tem 51 anos e ensino superior. A sua religião é a umbanda e sua renda individual mensal enquadra-se na primeira faixa. A pesquisadora fez contato direto com a entrevistada, após ter sido indicada por uma das participantes do estudo.

Adriana pontuou que sua filha Ana a procurou voluntariamente para revelar o namoro com uma menina. Sua filha também falou diretamente com a avó materna, cuja reação foi “mais difícil de entender a situação”, e com as tias. Adriana mencionou que não se “assustou

muito”, e que recebeu a revelação tranquilamente, pois já desconfiava. Sua preocupação foi com questões relacionadas à discriminação que sua filha enfrentaria.

A participante nº 4, Marta, tem 56 anos, possui ensino superior, a sua religião é “ela e Deus” e sua renda individual mensal encontra-se na primeira faixa. O contato ocorreu a partir da indicação de pessoa próxima da pesquisadora, que mediou o contato entre elas.

Marta contou que estava morando um período fora de Brasília quando a sua filha Mariana, então com 15 anos, lhe pediu um caderno para escrever. Quanto mais tentava dialogar com a filha, mais ela afastava-se e calava-se, como se houvesse uma “guerra” sendo travada dentro dela própria em um período de aceitação consigo. Ao saber pela filha mais nova que Mariana se automutilava, Marta entrou em pânico, pois percebeu que algo acontecia. Ela então buscou o caderno de Mariana, na tentativa de descobrir o que ela tentava dizer. No caderno havia uma confissão, uma declaração de amor para uma amiga.

Marta, que teve a revelação da homossexualidade de sua filha de forma involuntária, disse que foi um choque muito grande, pois em nenhum momento cogitou essa possibilidade. Ela chorou desesperada, de joelhos, sem saber o que fazer e como contar ao pai de Mariana, haja vista que ele teria dificuldade para aceitar a filha, e devido aos preconceitos que a filha enfrentaria na vida. Entretanto, Marta afirma que foi uma oportunidade, que também a fez sentir um amor redobrado pela sua filha. Ela conversou com o pai e ele teve a iniciativa de se dirigir à filha. Nesse momento a situação não foi suave, pois foi um diálogo doloroso, de desestruturação muito grande, de ruptura, no qual o pai falou que “preferia que fosse morta do que ter uma filha lésbica”. Após presenciar o sofrimento e a dor da filha, ele pediu perdão por sua reação.

Marta ressaltou que comunicou para suas irmãs, em razão da “dor da descoberta”. Os demais membros da família foram contando um para o outro, o que desencadeou no

preconceito previsto por parte da família, que é uma “família tradicional”. O caso foi de exclusão, o que também foi vivenciado por sua outra filha, embora mais tranquilamente, uma vez que a irmã já havia aberto o caminho. Marta contou que foi se permitindo a ouvir, a aprender, a entendê-las e a acolhê-las com os seus amigos, e, com o tempo, conseguiram superar as dificuldades iniciais. Isso também aconteceu com os demais membros da família, que admitem possuir dificuldade para lidar com a situação, mas as meninas se esforçam para conviver com eles. O casal separou-se e o pai, atualmente, desenvolveu relações de cumplicidade, amorosidade e de aceitação com as filhas.

A participante nº 5, Lúcia, 74 anos, tem ensino superior com especialização e declarou não possuir religião. Sua renda individual mensal equivale ao valor da segunda faixa. A pesquisadora fez contato com Lúcia por intermédio de sua filha lésbica, que já era conhecida da família da pesquisadora.

Lúcia contou que Júlia tinha 17 anos quando voluntariamente falou, numa mesa de café da manhã, que gostava de meninas. A reação de Lúcia, ou melhor, o seu sentimento, foi de alívio por ela ter se descoberto, pois sempre achou que Júlia não era uma criança convencional, e pelo fato de poderem conversar sobre isso. A sua preocupação à época foi em relação à sociedade homofóbica, tanto que pediu para que ela não se manifestasse publicamente. Júlia contou para os irmãos e para o pai, uma vez que o casal estava separado, e, aparentemente, ele reagiu tranquilamente. O mesmo aconteceu com toda a família, que possui pessoas lésbicas e é formada por artistas acostumados a lidar com a homossexualidade. Lúcia relatou que a descoberta da sexualidade por parte da filha deu liberdade para ela estar mais próxima da mãe.

A participante nº 6 foi Karina, que tem 49 anos e possui ensino superior. Karina declarou que a sua religião é a católica e que sua renda individual mensal corresponde ao

valor da terceira faixa. A pesquisadora fez contato com Karina por intermédio de uma amiga em comum.

Karina informou que a filha Clara, aos 15 anos, revelou a sua homossexualidade em conversa com a mãe sobre a namorada, portanto, de maneira voluntária. Karina disse que, no momento, foi tranquilo, que não teve nenhuma dificuldade e só queria saber se a filha estava feliz. As demais pessoas ficaram sabendo naturalmente pelo convívio social com ela, sem haver uma comunicação formal, mas aberta. Contou que Clara teve acompanhamento psicológico para compreender melhor o que se passava e saber lidar com quaisquer situações a serem enfrentadas, por questões de segurança, apesar do apoio familiar.

Assim, com base na análise categorial e visando contemplar os objetivos da pesquisa, foi possível fazer as inferências descritas na tabela a seguir, mediante a identificação e a seleção das principais categorias *a posteriori*: a frequência, que corresponde à soma da quantidade de vezes em que surgiram em todas as falas das participantes; a unidade de registro, que é a menor parte do conteúdo; e a unidade de contexto, que é o fundo para dar significado à respectiva unidade de registro (Franco, 2008).

Tabela 2

Categorias

Categoria	Frequência	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Vivência do Amor Incondicional	6 vezes	“eu ofereci o meu amor incondicional”	“Então, assim, eu ofereci o meu amor incondicional. E foi até hoje da mesma forma. Assim, nunca mudou esse meu trato com ela.” (P2)

Preocupação presente no processo de <i>coming out</i>	6 vezes	“tenho muito medo da sociedade homofóbica”	“A minha única preocupação quando a Júlia me contou, que foi o que eu coloquei para ela, falei assim: olha, tenho muito medo da sociedade homofóbica. Então, tome cuidado, não fique fazendo, é, fazendo coisas em público. Porque você pode ser agredida de alguma forma. Então, a minha preocupação foi só em relação a como a sociedade reage à sexualidade das pessoas.” (P5)
Reação de surpresa	3 vezes	“a princípio, para mim, foi um choque grande, porque, assim, em nenhum momento, eu cogitava, passou pela minha cabeça”	“Aquilo, a princípio, para mim, foi um choque grande, porque, assim, em nenhum momento, eu cogitava, passou pela minha cabeça que seria isso, eu lembro que eu caí de joelho no chão, eu comecei a chorar porque me vieram muitas coisas, nesse momento, na cabeça.” (P4)
Experiência relacional entre mãe e filha	6 vezes	“a gente ficou até mais junto, mais do que já era. Bem mais.”	“Acho que a gente ficou até mais junto, mais do que já era, bem mais.” (P3)
Existência de apoio psicoterápico	2 vezes	“nós fomos ao psicólogo”	“Eu até ofereci, na época, uma terapeuta. Inclusive, nós fomos ao psicólogo, ela passou um tempo conversando com essa psicóloga. Eu também, assim, não vou dizer para você que foi tranquilo para mim.” [...] “Então assim, o tratamento psicológico, a conversa com a terapeuta me fez me abrir para tudo. Então assim, na época, realmente, eu tive uns períodos de altos e baixos mesmo.” (P2)

Vivência do Amor Incondicional

Ao observar que a homossexualidade ocasionou uma vivência de amor incondicional a uma das entrevistadas, a primeira categoria recebeu essa nomenclatura como forma de chamar a atenção para a questão da imposição social de que as mães devem ter esse amor por seus filhos e aceitação plena. Portanto, o intuito foi colocar à prova esse amor que a mãe tem que sentir pela filha, se ele é realmente, de fato, incondicional; se não houve um breve momento de se questionar. Isso pôde ser observado até pelas lacunas nas falas hesitantes, como se as mães buscassem a melhor palavra para dizer o não dito. É como se elas não se permitissem ter essa dúvida, ao estarem impactadas emocionalmente com a sexualidade de suas filhas.

Nas entrevistas realizadas, as participantes relataram que houve aceitação, acolhimento e proteção maternal com suas filhas lésbicas, no momento da revelação da identidade sexual, inclusive para aquelas genitoras que precisaram de um maior tempo para elaborar melhor esse processo do *coming out*. A participante Marlene apontou que, depois que a sua filha lhe revelou, houve um interesse seu em aprofundar o conhecimento sobre as questões que envolvem a homossexualidade, e que com isso foi possível entender melhor a situação:

eu fui atrás de muitas situações, de mães na mesma situação, e hoje, eu digo para você que aquela reação minha foi normal, mas foi bom para eu me aperfeiçoar tudo, entender tudo hoje, eu sei que é algo totalmente normal e tudo dentro da normalidade, não tem problema nenhum para mim com isso. (P2)

O processo de *coming out* da filha também trouxe sentimentos de alívio para Lúcia, pois ela entende que “as pessoas precisam se encontrar, precisam se definir e, para mim, é muito importante ela ter entendido isso, então”. O sentimento relatado pela participante Judite

foi de orgulho ao ver a sua filha seguindo o próprio caminho, “eu fiquei feliz de, de ver que ela estava seguindo ali por aquele caminho, que ela achava que era o melhor para ela, de felicidade mesmo. Que orgulho!”.

Herdt e Koff (2002) estabeleceram tipologias para as diferentes formas e etapas nas quais as famílias passam durante o processo de *coming out* de seus entes, sendo elas, resumidamente, classificadas como: a) famílias desintegradas, nas quais existe uma culpa considerável com a sensação de fracasso e embaraço, e há um conflito igual ou maior a antes da revelação e nenhum apreço pela orientação sexual dos(as) filhos(as); b) famílias ambivalentes, nas quais há uma reação interna de vergonha pelo que é apresentado publicamente. Nelas ocorre a mudança positiva das relações familiares, com uma maior comunicação, porém sem resolução, e há o reconhecimento com maior compreensão e sensibilidade pela orientação sexual de seus membros; e c) famílias integradas, nas quais há um sentimento de melhoria nas relações familiares, em que os conflitos geram proximidade e não afastamento, além de existir pouca ou nenhuma vergonha e recriminação e do apreço público ser congruente com as reações internas.

Portanto, parte das mães, cerca de 66,67% das entrevistadas, reportou ter havido o acolhimento, uma aceitação automática, ou seja, um amor incondicional.

Preocupação presente no processo de *coming out*

A homofobia e a discriminação existentes na sociedade estiveram presentes unanimemente nos discursos das participantes da pesquisa, ou seja, em 100% das entrevistadas. Depreende-se que as mães tiveram reações de medo, insegurança e/ou preocupação no processo de *coming out* de suas filhas. Isso demonstra que atitudes homofóbicas, em relação à orientação sexual, além da discriminação e agressão física,

potencializam a vulnerabilidade a que as pessoas homossexuais são expostas, o que causa impactos em suas saúdes e bem-estar, como se observa nos relatos a seguir:

Assim, eu acho que, porque, quando você é mãe, a gente fica, tem aquele lado, que é bem protetor e tal. Então, a gente fica pensando na segurança, do filho, porque vê muita coisa que acontece e tal. (P1)

Eu me assustei sim, pela idade, pelo mundo, pelas dificuldades que a gente vê aí nesse mundo tão cruel para os homossexuais, que, até hoje, continua (P2)

É preocupação mesmo, mas com o mundo, que eles não têm o mesmo olhar, diferente. Eles podem agir de uma forma diferenciada, com agressão, com palavras. Então, essa era a minha preocupação com ela. (P3)

Mas, o medo que eu senti naquele momento, não foi nem assim de questionar o que ela sentia, foi mesmo do preconceito que eu iria, eu senti que eu ia enfrentar porque eu ia comprar, eu comprei aquela briga na hora, eu, como mãe, na hora, eu falei que vou comprar, vou, mas foi exatamente, assim, um pouco de pânico dessa consciência. (P4)

A minha única preocupação quando a Júlia me contou, que foi o que eu coloquei para ela, falei assim: olha, tenho muito medo da sociedade homofóbica. Então, tome cuidado, não fique fazendo, é, fazendo coisas em público. Porque você pode ser agredida de alguma forma. Então, a minha preocupação foi só em relação a como a sociedade reage à sexualidade das pessoas. (P5)

... passam pela minha cabeça, até por conta do preconceito, que avança, tem, entendeu?, alguns tipos de discriminação. Então, mas o ponto principal, foi em questão de segurança, que, às vezes, a gente vê casos, assim, avançando de preconceitos que chegam até a agressão física. Então, essa foi a minha maior preocupação. (P6)

A esse respeito, é relevante reafirmar que as estruturas social e sexual que geram preconceitos e atos discriminatórios se fundamentam no dualismo heterossexual e homossexual, que prioriza a heterossexualidade e que a naturaliza, o que, ao mesmo tempo, a

torna compulsória. Ou seja, em suma, a ordem social contemporânea se baseia na heteronormatividade (Miskolci, 2009). Aqueles(as) que desviam dessa normativa heterossexual, comumente enfrentam dificuldades para serem aceitos(as) pela sociedade, podendo sofrer diversos tipos de violências em seu cotidiano, como: agressões físicas, verbais, sexuais, *bullying*, estigmatização social, discriminação no trabalho, na família e nos serviços públicos, além de desigualdade de acesso a direitos, como educação e saúde (Borrilo, 2009).

As afirmações relativas ao medo e à preocupação com o “mundo lá fora” trazem à tona a consciência de que vivemos em uma sociedade preconceituosa e intolerante com relação à homossexualidade (Modesto, 2010), uma sociedade que invalida os sentimentos e as relações afetivas entre pessoas do mesmo sexo. Esse medo, por vezes, vem acompanhado de pedidos para que os filhos sejam discretos ou para que alterem a forma como se mostram para o mundo, como citado na pesquisa desenvolvida por Hauer e Guimarães (2015). Essa característica foi evidenciada nas entrevistas de Adriana, Lúcia e Karina, nos seguintes trechos:

É preocupação mesmo, mas com o mundo (...), que eles não têm o mesmo olho. Eles podem agir de uma forma diferenciada. Agressão, com palavras. Então essa era a minha preocupação com ela. (P3)

Tenho muito medo da sociedade homofóbica, né? Então, tome cuidado não fique fazendo, é, fazendo coisas em público, né? Porque você pode ser agredida de alguma forma, né? Então, a minha preocupação foi só em relação a como a sociedade reage à sexualidade das pessoas, porque, para mim, tá tudo tranquilo. (P5)

Com certeza, com certeza, eles passam pela minha cabeça até por conta do preconceito, né? Que avança. (...) Então, mas o ponto principal foi em questão a

segurança, né, que, às vezes, a gente vê casos assim avançando de preconceitos que chegam até agressão física, né? Então, essa foi a minha maior preocupação. Eu sempre tô orientando ela a respeito, entendeu? E é observando tudo, em lugares que ela vai, que ela frequenta, pessoas que ela convive, né? Eu sempre tô, assim, atenta, até pra, observando, né? (P6)

Esse “mundo lá fora” por vezes é refletido na reação de membros da família. Marlene (P2) relatou, por exemplo, ter demorado três anos após a descoberta para falar com a própria mãe. Esse preconceito dentro da própria família também fica evidente na entrevista de Marta (P4) como exemplificado no excerto a seguir:

Embora dentro da minha eu senti mais, porque realmente a gente deixou de ser convidado para festa de aniversário, atualmente até depois de já grande já teve festa de casamento que não foram convidadas, entendeu? Então assim aquele... é... não cabe no mundo de quem tem uma família muito tradicional, então a gente se sente excluído mesmo, uma certa exclusão, né? (P4)

Diante disso, a aceitação das mães acaba esbarrando no receio de que não serão aceitas no âmbito familiar. Isso gera conflitos a respeito de como divulgar a informação para os familiares e faz com que muitas escondam a informação dos demais membros da família e de amigos, o que pode gerar muita ansiedade nos membros da família conhecedores da situação e "ter impacto em interações familiares como férias e celebrações, ao criar uma fronteira entre os que sabem e os que não sabem" (Crosbie-Burnett *et al.*, 1996, citado em Afonso, 2015, p. 15), gerando, assim, exclusões parciais ou totais e, conseqüentemente,

perdas no sentido de pertença, especialmente, das pessoas que se identificam como LGBTQIA+ (Afonso, 2015).

Reação de surpresa

Em alguns casos, a revelação da orientação sexual pode ser um processo conflituoso tanto para aqueles(as) que revelam a sua homossexualidade quanto para quem recebe a informação. Segundo Nascimento (2008), há um choque inicial, que faz com que os genitores neguem a realidade, e os(as) filhos(as) vivenciem momentos de luta interna, com sentimentos de negação, culpa, medo, revolta, vergonha. Esses sentimentos, após a aceitação, são readaptados para o de pertencimento e o de ser acolhido em sua família.

Algumas mães entrevistadas, cerca de 50% delas, relataram que já desconfiavam da orientação sexual de suas filhas, só não tinham a certeza. Marlene contou que “na verdade, eu sabia, mas a confissão dela me assustou”, e Judite mencionou ter sido surpreendida “a princípio, foi meio surpresa”.

Em contrapartida, no caso da genitora Marta, ela precisou de um processo de elaboração dessa informação para, em seguida, acolher a homossexualidade de sua filha:

aquilo, a princípio, para mim, foi um choque grande, porque, assim, em nenhum momento, eu cogitava, passou pela minha cabeça que seria isso, eu lembro que eu caí de joelho no chão, eu comecei a chorar porque me vieram muitas coisas, nesse momento, na cabeça. (P4)

Para as mães que já tinham alguma desconfiança, o momento da descoberta, do *coming out* é atenuado, como descrito por Modesto (2010, p. 139): “(...) percebe-se que

inconscientemente ela [a mãe] esteve se preparando para o acontecimento, houve uma expectativa: uma temporalidade se estendeu e a tensão da descoberta foi atenuada.” Vemos isso na entrevista de Lúcia, que alega ter sentido alívio no momento da descoberta, pois percebia “desde sempre” que a Júlia “não era uma menina convencional”. Essa descoberta atenuada permitiu que Lúcia vivesse esse momento de forma positiva, porque, segundo ela, a Júlia estava descobrindo o que era e trilhava o caminho para se encontrar.

Experiência relacional entre mãe e filha

Como foi apontado por França (2008), o processo de revelação da homossexualidade de um(a) filho(a) ocorre de acordo com o grau de proximidade emocional que o indivíduo tem com os membros da família e da dependência do(a) filho(a) da aprovação dos seus genitores. Em geral, a revelação ocorre primeiro com a mãe, depois com os irmãos, e por último com o pai, quando ocorre com ele. Outro ponto relevante da revelação é que as mães desempenham um papel importante para a aceitação ocorrer de modo mais fácil, diferentemente dos pais, que, na maioria das vezes, negam seus(suas) filhos(as) homossexuais (Nascimento, 2018).

A proximidade entre mães e filhas ficou evidente em 100% das falas das participantes da pesquisa, demonstrando a relevância dessa relação no processo de *coming out*. Por exemplo, a entrevistada Adriana expôs que “a gente ficou até mais junto, mais do que já era, bem mais”, e a mãe Karina destacou o fortalecimento da relação inclusive com a família da companheira de sua filha, ao dizer que “fortaleceu mais ainda, porque uniram duas famílias”. Esse sentimento também foi alvitado por Marta, que, em sua resposta, pontuou o “aumento de estreitamento dos laços mesmo, de confiança, de se sentir acolhida”, e por Lúcia, que comentou “Assim, ela ter se descoberto, deu uma liberdade para ela de estar mais próxima

também. Agora eu posso ser quem eu sou e não vai acontecer nada. Então, acho que aproximou”.

É possível inferir que também há o lado difícil, que não é o popular “mar de rosas”, afinal na adolescência, época na qual ocorreu o processo de revelação das filhas objetos dessa pesquisa, ocorre o afastamento natural dos(as) filhos(as), superando a ideia romântica da relação entre mães e filhas. Quando implicitamente a pessoa, antes do processo de *coming out*, encontrava-se “dentro de um armário”, ela estava escondendo uma parte de si, o que dificulta uma relação de troca verdadeira. Portanto, a revelação acarreta a sensação de melhora no relacionamento.

Essa proximidade entre mães e filhas torna-se evidente quando algumas delas percebem que o *coming out* das filhas é um momento para que se tornem “mães-militantes pela Diversidade” (Gonçalves, 2021). Essa militância por vezes reflete-se no acolhimento e no convívio com o mundo da filha, como evidenciado na entrevista de Marta (P3), que afirma:

(...) com Mariana (...) eu só fui cada vez mais acolhendo porque eu fui me permitindo ouvir, entendê-las, recebi os amigos em casa. Sempre fiz questão de estar convivendo, porque o mundo delas, acabou que eu descobri tinha muito mais histórias de amigos de pessoas que... então foi eu, já acolher mesmo, acolher e me colocar como aprendiz nessa situação e procurar mais entender, compreender e... e assim foi até hoje, porque Mariana inclusive é mais velha, ela já não se denomina mais, nem lésbica hoje em dia, ela se denomina como não binário, né? Não binário. Então quer dizer, ela já deu um passo aí. Mas é isso, acolhimento, aprendizado, é essa minha postura assim, sabe? (P3)

A existência de apoio psicoterápico

A rede de apoio social corresponde ao conjunto de indivíduos e de grupos que compõem as ligações de relacionamentos e que fornecem os recursos e as conexões necessárias para o bem-estar do indivíduo e para o enfrentamento das dificuldades físicas e emocionais (Souza *et al.*, 2020). O processo psicoterapêutico pode tornar a relação consigo mesmo, com os amigos e com os familiares mais verdadeira, aliada à redução de sintomas e, por conseguinte, ocasionar o aumento de confiança para revelar a homossexualidade. (Meyers, 1982, citado em Frazão, 2008).

Tal solução foi adotada por 33% das entrevistadas, as genitoras Marlene e Karina que mencionaram o apoio encontrado no processo psicoterapêutico para suas filhas e para si, “nós fomos ao psicólogo, ela passou um tempo conversando com essa psicóloga. Eu também”; e “Ela começou a fazer um acompanhamento psicológico pra até pra está entendendo, até por conta da idade e tudo. Então, ela já foi muito bem orientada, apesar de ter o apoio familiar.”, respectivamente.

Considerações finais

Esta pesquisa apresentou o que as mães vivenciaram no processo de revelação da orientação sexual de suas filhas lésbicas. Foi possível verificar, sob a perspectiva das mães, que as reações foram de compreensão das vivências homoafetivas e que o subsistema mãe-filha, como estrutura, sofreu influências mútuas que reverberam para os demais subsistemas do sistema familiar.

Entretanto, é preciso ressaltar que somente as mães que demonstraram estar em condições de experienciar novamente esse momento de suas vidas aceitaram realizar a entrevista. A pesquisadora não teve acesso às mães que ainda não conseguiram realizar o *coming out* da família, pois essas não se pronunciaram ao pedido de entrevista, evidenciando, assim, a dificuldade de partilhar essa experiência. Também foi observado um certo constrangimento, mesmo que ele não tenha sido expressamente verbalizado, de uma das participantes que reforçou o pedido para manter seu anonimato, e para não ter exposição de sua filha e de sua imagem.

Assim, nos relatos aqui reunidos, observa-se o fato de que aquelas participantes que conseguiram expor sua experiência pessoal e de sua família, diante da homossexualidade de suas filhas, foram as que se mostraram acolhedoras no momento da revelação sexual, o que pode ser caracterizado como uma limitação deste estudo. Outra variável que não foi contemplada diz respeito à articulação dos discursos das mães com os das filhas, como estas vivenciaram o processo do *coming out* em suas famílias. Isto é, as vivências aqui demonstradas podem não corresponder exatamente à visão desse processo por outras perspectivas.

Além dessas limitações, a presente pesquisa, apesar de ter coletado características das participantes, como escolaridade, religião e a renda individual mensal, não abrangeu a totalidade dessas caracterizações na discussão de como esses aspectos poderiam influenciar as

experiências afetivas das mães e os sentimentos advindos nelas. Esse aspecto e a exploração de outras variáveis merecem atenção em estudos futuros.

Ademais, trabalhos científicos que se relacionem ao *coming out* podem auxiliar na gestão desse processo em prol da saúde mental das pessoas homoafetivas, sendo uma questão muito importante da população LGBTQIAP+, no momento da revelação da homossexualidade, que pode estar associado a adoecimentos longos e silenciados.

No decorrer da realização das entrevistas semiestruturadas, verificou-se que algumas perguntas do roteiro não levavam exatamente às respostas buscadas nos objetivos do trabalho. Verificou-se, também, que as entrevistadas nem sempre conseguiam nomear os sentimentos, ou que elas poderiam ser tendenciosas quando deparadas com respostas reflexivas de algo que não caberia exclusivamente a elas, como a “comunicação para os demais membros da família”.

Por fim, é preciso esclarecer que este trabalho deriva de diversas implicações pessoais da autora, que poderia fazer parte do *corpus* deste estudo, uma vez que em diversos momentos das entrevistas sentiu como se estivesse avaliando o seu próprio percurso, ao identificar-se com as falas das mães na vivência do *coming out* de suas filhas.

Na oportunidade, destaca-se a importância da exploração desse tema no contexto da Psicologia Sistêmica, contribuindo para a desconstrução social dos estigmas implicados nos processos identitários e reveladores da heteronormatividade.

Referências Bibliográficas

- Afonso, A. C. C. (2015). Rituais familiares e coming out em jovens adultos LGBT: estudo exploratório. (Doctoral dissertation).
- Anderson, H., & Goolishian, H. (1998). O cliente é o especialista: a abordagem terapêutica do não-saber. *A terapia como construção social*, pp. 34-50.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Almedina Brasil.
- Borrillo D. Homofobia. (2009) In: T Lionço, & D Diniz. (Orgs.). *Homofobia e Educação: um desafio ao silêncio*. Brasília: Letras Livres: Ed. UnB.
- Braga I. F., Oliveira W. A., Silva J. L., Mello F. C. M., & Silva M. A. I. (2018) *Family violence against gay and lesbian adolescents and young people: a qualitative study*. [Violência familiar contra adolescentes e jovens gays e lésbicas: um estudo qualitativo] *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2018; 71(Suppl 3):1220-7. [Thematic Issue: Health of woman and child] DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0307>
- Bussolo, D. R., & Costa, Z. L. S. (2022). O *Coming out* de homossexuais e seus efeitos na família: Revisão narrativa de literatura. *Perspectiva: Ciência e Saúde*, 7(1).
- Câmara, Rosana Hoffman. (2013). Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6 (2), 179-191.
- Etengoff, C., & Daiute, C. (2014). Usos da religião por membros da família em conflitos pós-afirmação com seu parente gay. *Psicologia da Religião e Espiritualidade*, 6 (1), 33-43. <https://doi.org/10.1037/a0035198>
- Feinstein, B. A., Wadsworth, L. P., Davila, J., & Goldfried, M. R. (2014). A aceitação dos pais e a família apóiam associações moderadas entre dimensões de estresse

- minoritário e sintomas depressivos entre lésbicas e gays? *Psicologia Profissional: Pesquisa e Prática*, 45 (4), 239–246. <https://doi.org/10.1037/a0035393>
- Féres-Carneiro, T., & Diniz Neto, O. (2010). Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 20, 269-278.
- Franco, M. L. P. B. (2008) *Análise de conteúdo*. 3. ed. Brasília: Líber Livro.
- França, M. R. C. (2009). Famílias homoafetivas. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 17(1), 21-33.
- Frazão, P., & Rosário, R. (2008). O sair do armário de gays e lésbicas e as relações familiares. *Análise Psicológica*, 26 (1), pp. 25-45.
- Garcia, D. (2021). “Amor é cristão, sexo é pagão”: conjugalidades e parentalidades homossexuais, reconhecimento e o discurso judicial da “homoafetividade”(adpf 132 e adi 4277). *Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades*, 14(22).
- Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Bueno, R. K., & Crepaldi, M. A. (2014). As origens do pensamento sistêmico: das partes para o todo. *Pensando famílias*, 18(2), pp. 3-16.
- Gonçalves, C. S. R., (2021). *Administração da informação por mães heterossexuais informadas sobre a homossexualidade de seus filhos*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de São João del-Rei.
- Hauer, M. & Guimarães, R.S. (2015). Mães, Filh@s e Homossexualidade: Narrativas de Aceitação, *Trends in Psychology* [Temas em Psicologia], Volume 23 (3), 649-662.
- Hammes, B. dos S. (2014). Prefiro um filho morto do que um filho viado: algumas implicações de quando a homofobia é familiar. *PerCursos*, vol. 14, n. 27, pp. 178-199.

- Harway, M. (Ed.). (2004). *Handbook of couples therapy* [Manual de terapia de casais]. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons.
- Henderson, A. W., Lehavot, K., & Simoni, J. M. (2009). Ecological models of sexual satisfaction among lesbian/bisexual and heterosexual women. *Archives of Sexual Behavior* [Arquivos de comportamento sexual], 38(1), 50- 65. doi:10.1007/s10508-008-9384-3
- Herd, G., Koff, B., & Pinho, J. M. A. (2002). *Tenho uma coisa para vos dizer: O percurso de uma família com um filho homossexual*.
- La Sala, M. C. (2000). Lesbian, Gay Men, and Their Parents: Family Therapy for the Coming Out Crisis. *Family Process*, 39, 67-81.
- Lawrence, P. (2017). *Estresse de minoria, fatores familiares e saúde mental em homens homossexuais*.
- Leite, A. G., Silva, J. R. P., Missiatto, H. M., & Missiatto, L. A. F. (2019). Percepção de homofobia familiar e social de homoafetivos do município de Cacoal/RO. *Revista Gênero*, 20(1), 6-17.
- Leite, M., & Catelan, R. F. (2020). Terapia familiar afirmativa com lésbicas, gays e bissexuais. *Pensando famílias*, 24(1), 239-254.
- Lira, A. N. de, & Moraes, N. A. de (2016). Famílias constituídas por lésbicas, gays e bissexuais: revisão sistemática de literatura. *Temas em Psicologia*, 24(3), 1051-1067.
- Martins, J., & Bicudo, M.A.V. (1994). *A Pesquisa Qualitativa em Psicologia: Fundamentos e Recursos Básicos*. São Paulo: Moraes.
- McGoldrick, M., Preto, N. G., & Carter, B. (2015). *The Expanding Family Life Cycle*. Estados Unidos da América. Pearson.

- Meyer, D. E. E. (2005). A politização contemporânea da maternidade: construindo um argumento. *Revista Gênero*, 6(1), 81-104.
- Meyer, I. H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: Conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin*, 129, 674-697. doi:10.1037/0033-2909.129.5.674.
- Minayo, M. C. de S. (2014). *O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. São Paulo: Hucitec-Abrasco.
- Miguel, S. S. M. S., Dalpizzol, G. D., & DeMarco, T. T. (2017). Homossexualidade, Homoafetividade e Bissexualidade. *Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc Videira*, 2, e13129-e13129.
- Miskolci R. A. (2009). A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociol* [Internet]. [cited 2017 Feb 20];11(21):150-82.
<http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>
- Modesto, E. L. (2010). *Homossexualidade preconceito e intolerância*. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo.
- Moré, C. L. O. O., & Macedo, R. M. S. (2006). *A psicologia na comunidade: Uma proposta de intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo
- Nascimento, G. C. M., & Scorsolini-Comin, F. (2018). A Revelação da homossexualidade na família: integrativa da literatura científica. *Temas em Psicologia*, 26 (3), pp. 1527-1541.
- Oliveira, L. D. (2019). A “vergonha” como uma “ofensa”: homossexualidade feminina, família e micropolíticas da emoção. *Horizontes Antropológicos*, 25, 141-171.

- Pachankis, JE, & Goldfried, MR (2013). *Questões clínicas no trabalho com clientes lésbicas, gays e bissexuais*.
- Ravagnani, P., Guanaes-Lorenzi, C., & Rasera, E. F. (2017). *A Utilização de Modelos Teóricos na Terapia Familiar: Foco no Construcionismo Social*. Ribeirão Preto: Paidéia.
- Resolução nº 01/99, de 22 de março de 1999, do Conselho Federal de Psicologia.
https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf
- Rodrigues, A. (2006). *A homofobia como sintoma na família*.
- Rosati, F., Pistella J., Nappa M. R., & Baiocco R. (2020). The Coming-Out Process in Family, Social, and Religious Contexts Among Young, Middle, and Older Italian LGBTQ+ Adults. *Frontiers in Psychology*, 11, 617217.
- Rostosky, S. S., Korfhage, B. A., Duhigg, J. M., Stern, A. J., Bennett, L., & Riggle, E. D. B. (2004). Same-sex couple perceptions of family support: a consensual qualitative study. *Family Process*, v. 43, n. 1, 43-57.
- Salvatierra, L. Análise de Conteúdo de Bardin: Primeiros Conceitos, 2020. 9 slides.
https://www.researchgate.net/publication/348154654_Analise_de_Conteudo_de_Bardin_Primeiros_Conceitos
- Santiago, I. B., Lima, A. P. A. de & Monteiro, T. M. (2021). *Orientação sexual dos filhos e suas repercussões na dinâmica familiar*.
- Santos, M. A. dos, Brochado, J. U., & Santos Moscheta, M. dos (2007). Grupo de pais de jovens homossexuais. *SMAD, Revista Electrónica en Salud Mental, Alcohol y Drogas*, 3(2), 1-16.

- Sifuentes, T. R., Dessen, M. A., & Oliveira, M. C. S. L. (2007). Desenvolvimento humano: Desafios para a compreensão das trajetórias probabilísticas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(4), 379-386.
- Silva, G. B. (2018). *Homoconjugalidades Femininas: um estudo sobre relacionamentos entre mulheres*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Espírito Santo.
- Souza, D. A. A., Nascimento G. C. M, & Scorsolini-Comin, F. (2020). Revelar-se homossexual: percepções de jovens adultos brasileiros. *Ciências Psicológicas*, 14(2), e-2229. doi: <https://doi.org/10.22235/cp.v14i2.2229>
- Souza, D. C. de, & Silva, I. R. da (2018). *Reflexões sobre relações familiares em que há a presença de filhos homossexuais*.
- Souza Silva, J. R. de, & Assis, S. M. B. de (2010). Grupo focal e análise de conteúdo como estratégia metodológica clínica-qualitativa em pesquisas nos distúrbios do desenvolvimento. *Cadernos de Pós-graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*, 10(1).

Anexo I

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

“As experiências afetivas de mães diante do processo de *coming out* de filhas lésbicas.”

Instituição do pesquisador: UniCEUB

Professora orientadora: Izabella Rodrigues Melo

Pesquisadora: Lílian Tatiane de Macedo Lima

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A pesquisadora deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo específico deste estudo é compreender as experiências afetivas de mães diante do processo de *coming out* de filhas lésbicas do Distrito Federal.
- Você está sendo convidado a participar exatamente por ser mãe de filha lésbica e residente no Distrito Federal.

Procedimentos do estudo

- A participação consiste em responder as perguntas da pesquisadora durante a entrevista.
- O procedimento é uma entrevista que será gravada, para posterior análise da pesquisadora, e mantida em sigilo com acesso restrito à Professora orientadora e à pesquisadora.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- A entrevista será realizada por videoconferência.
- O encontro será realizado respeitando-se a privacidade da entrevistada, objetivando o conforto, a intimidade e o vínculo entre cada participante e a pesquisadora.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui riscos mínimos, tais como pequenas alterações do quadro emocional relacionadas aos conteúdos das narrativas explicitadas.

- Medidas preventivas de suporte psicológico serão tomadas durante a participação nas entrevistas e ato psicodramático a fim minimizar qualquer risco ou incômodo.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, ele não precisa realizá-lo.

Com a participação da genitora nesta pesquisa, ela poderá contribuir para melhor compreensão das experiências afetivas de mães diante do processo de *coming out* de filhas lésbicas.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com a pesquisadora responsável.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Os dados serão manuseados somente pela pesquisadora e Professora orientadora e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- Os dados e instrumentos utilizados (entrevista) ficarão guardados sob a responsabilidade de Lílian Tatiane de Macedo Lima, com a garantia de manutenção do sigilo

e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos.

- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar o nome dos participantes, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada a privacidade de quem você é responsável.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966-1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu _____
____ RG _____, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável, e a outra será fornecida a senhora.

Brasília, _____ de _____ de _____.

Participante

Izabella Rodrigues Melo/Izabella.melo@ceub.edu.br

Lílian Tatiane de Macedo Lima/lilian.tatiane@sempreceub.com

Endereço dos(as) responsável(is) pela pesquisa (OBRIGATÓRIO):

Instituição:

Endereço:

Bloco: /Nº: /Complemento:

Bairro: /CEP/Cidade:

Telefones p/contato:

Endereço do(a) participante

Domicílio: (rua, praça, conjunto):

Bloco: /Nº: /Complemento:

Bairro: /CEP/Cidade: /Telefone:

Ponto de referência:

Apêndice I

Roteiro para Entrevista Semiestruturada

1. Dados sociodemográficos:
 - a. Qual é a sua idade?
 - b. Qual é a sua escolaridade?
 - c. Qual é a sua religião?
 - d. Qual é a sua renda? (faixas de renda)
 - I. Até 2.900,00
 - II. Entre 2.900,00 e 7.100,00
 - III. Entre 7.100,00 e 22.000,00
 - IV. Superior a 22.000,00
2. Você poderia descrever como foi o processo da revelação sexual da sua filha para você? Quais sentimentos você experienciou?
3. Quais foram os meios de comunicação do *coming out* utilizados por sua filha? O que você pensa sobre isso?
4. Quais eram suas concepções sobre homossexualidade? Quais são suas concepções atualmente?
5. Quais foram as consequências sobre a família de vocês? O que você fez sobre isso?
6. Como ficaram as relações familiares posteriormente ao *coming out* da sua filha? Vocês comunicaram para outros membros da família? Como foi esse processo?
7. Houve alguma mudança na relação entre mãe e filha?

Apêndice II

Estimativa de custos

Na tabela 1 consta a expectativa do custo para a realização da pesquisa:

Tabela 1

Custo para a realização da pesquisa

Item	Qtde	Vlr Unitário (R\$)	Vlr Total (R\$)
Plano de internet	1	110,00	110,00
Total		110,00	110,00

Cronograma

Cronograma para execução da pesquisa.

Atividade	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Mai	Junho
Apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa						
Coleta de Dados						
Análise de Dados						
Elaboração do Relatório						
Apresentação do Estudo						